



FOTOS: ARISTO MESQUITA

Mais de 1.300 pessoas participaram do Confinar, em Campo Grande, MS.

Embrapa prepara novas forrageiras

Na lista estão cultivares tolerantes a baixas temperaturas, encharcamento e à seca.

ARIOSTO MESQUITA
de Campo Grande, MS

Responsável em colocar no mercado as principais forrageiras tropicais atualmente em uso pela pecuária brasileira, a Embrapa já tem um cronograma para futuros lançamentos. O ritmo da apresentação dos novos capins, no entanto, deverá ser bem mais lento, quando comparado ao registrado nos últimos cinco anos, período em que seis cultivares chegaram ao mercado: Tupi (2012), Paiguás (2013), Zuri (2014) Tamani (2015) e as novíssimas Quênia e Ipyporã, ambas em 2017.

O calendário foi apresentado pelo pesquisador Rodrigo Amorim Barbosa (Guga), como parte do seu painel “Forrageiras e manejo de pastagens: para onde estamos indo?”, que integrou a programação do Confinar 2017, sexta edição do simpósio de gado de corte anualmente realizado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Guga atua na área de avaliação de novos materiais forrageiros dentro do Programa de Melhoramento Genético de Gramíneas Tropicais da Embrapa Gado de

Corte (Campo Grande, MS). Para os próximos sete anos, Guga garante que uma das forrageiras já estará “pronta”, mas pelas suas colocações se percebe que por enquanto não há, dentro da Embrapa, nenhuma pressa em apresentá-la ao mercado. “Este material chamamos de cultivar B4. Trata-se de uma braquiária brizantha que ainda não foi batizada. É bem mais produtiva do que o capim Xaraés, mas se mostrou bem exigente e de manejo enjoado. Não sabemos ainda quando vamos lançá-la”, comenta.

Efficiente em fósforo

Dentro deste mesmo intervalo de tempo, o pesquisador assegurou que estão a caminho uma cultivar híbrida de *Panicum* “com alta eficiência no uso de fósforo” e um mestiço de braquiária *Decumbens* que, segundo ele, pode surpreender: “Tudo indica que este capim carrega graus de tolerância maiores do que aqueles já existentes no mercado. Durante o trabalho de pesquisa tivemos um ataque de cigarrinhas sobre híbridos de decumbens e esta variedade ficou intacta enquanto outros morreram. Separamos essas plantas para que um estudo mais profundo possa nos dizer o que elas têm”.

Para um período compreendido entre os próximos 7 a 15 anos, Guga prevê a chegada de três novos híbridos. O primeiro, originário de cruzamento entre braquiárias decumbens e brizantha, tolerante ao encharcamento, material que poderá ser de boa utilidade para áreas de vales e no bioma amazônico. “Precisamos de um material assim e estamos começando a trabalhar forte nisso. Mas não se enganem. Esse processo é lento. Geralmente uma forrageira não chega ao mercado antes de dez anos de pesquisa”, avisa.

Nesta mesma linha de tempo, outra gramínea em desenvolvimento é um híbrido de *panicum* tolerante a baixas temperaturas, característica que, segundo o pesquisador da Embrapa, “tem uma grande demanda”. Por último, Guga cita os estudos para obter capins com alta eficiência no uso de nutrien-

Ainda no forno		
Data prevista de lançamento de forrageiras da Embrapa		
EM ATÉ 7 ANOS	ENTRE 7 E 15 ANOS	ACIMA DE 15 ANOS
BRAQUIÁRIA BRIZANTHA, CULTIVAR B4	HÍBRIDO DE BRAQUIÁRIA TOLERANTE AO ENCHARCAMENTO	OGM DE BRAQUIÁRIA (TRANSGÊNICA) COM TOLERÂNCIA À SECA
HÍBRIDO DE BRAQUIÁRIA DECUMBENS	HÍBRIDO DE PANICUM TOLERANTE A BAIXAS TEMPERATURAS	
HÍBRIDO DE PANICUM COM ALTA EFICIÊNCIA NO USO DE FÓSFORO	HÍBRIDOS COM ALTA EFICIÊNCIA NO USO DE NUTRIENTES	



Rodrigo (Guga) Barbosa: “Estamos preparando uma braquiária bem mais produtiva do que a Xaraés”.

Eventos ■■■

tes. “É uma orientação que passamos a adotar: obter variedades eficazes em sua utilização, sem muitas exigências para serem produtivas”, justifica.

Mas talvez o maior dos “coelhos” demore mais tempo ainda a sair da cartola da Embrapa: uma braquiária geneticamente modificada, com tolerância à seca. “Será um capim transgênico e tomara que ninguém fale mal disso. Estamos no caminho e é só. Por enquanto não posso dizer mais nada”, resume o pesquisador. A previsão, segundo ele, é de que esta forrageira se torne realidade somente depois de mais 15 anos de pesquisa.

Com a tendência propagada de que a temperatura do planeta continue se elevando nos próximos anos, os períodos secos anuais podem se prolongar, reduzindo a disponibilidade de pasto nutricionalmente adequado para a alimentação bovina. É justamente no contraponto a este efeito que a Embrapa deposita suas fichas. O objetivo é alcançar uma variedade tolerante à seca, produtiva e de fácil manejo e adaptabilidade e que possa carregar níveis de proteína e de nutrientes adequados ao longo das estações, garantindo o ganho de energia apropriado para o desenvolvimento animal.

Durante o Confinar 2017, participantes indagaram o pesquisador sobre o motivo de tão “poucas

opções” previstas ao longo de um intervalo de tempo “tão grande”. O pesquisador Guga alegou ser este caminho uma decisão estratégica: “Existem opções, sim, mas a questão não é o que temos, e sim como nos posicionar no mercado. Estamos entrando na era dos híbridos. No nosso entendimento, a bola da vez é um bom material tolerante ao encharcamento e estamos começando a trabalhar nisso”, disse. As opções já disponíveis no mercado, segundo ele, conseguem suprir “por enquanto” a demanda existente.

Consolidado

A sexta edição do Confinar, mesmo em um período de incertezas na política e no mercado de carnes, serviu para consolidar o evento nacionalmente. Tanto o auditório quanto a área reservada à feira receberam grande público. Em seus dois dias de realização – 23 e 24 de maio – levou mais de 1.300 pessoas inscritas ao Centro de Convenções Rubens Gil de Camilo, na capital sul-matogrossense. A organização garante que 68% deste público era formado por produtores e os 32% restantes por técnicos, estudantes e expositores, provenientes de diversas regiões brasileiras e até de países da América do Sul como Argentina, Paraguai e Bolívia. ■